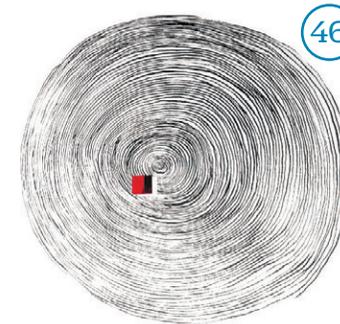


# // CÍRCULO DE ESTUDOS DO CENTRALISMO



AS OPINIÕES NÃO VINCULAM O CÍRCULO

www.acec.pt

ASSOCIADO CONVIDADO



POR

**José Francisco Meirinhos**  
Professor da Universidade do Porto

Em 1619, numa época em que o centro político de Portugal estava em Madrid, Francisco Rodrigues Lobo escreveu “Corte na aldeia”, uma obra que desde o título fixou um arquétipo da política em Portugal. Nessa sequência de diálogos, um pequeno grupo de homens educados troca ideias sobre temas de sociedade e ditos espirituosos, com laterais e vagas referências políticas. “Corte na aldeia” é estes fidalgos fazerem aprazíveis serões numa anónima aldeia vizinha de Lisboa (sim, ficaram por perto), tratando assuntos vários, dos quais a vida das aldeias ou nas aldeias está totalmente ausente. O arquétipo centralista português é esta indiferença e mesmo desconfiança da corte em relação ao seu exterior. Há corte onde a corte está, o resto é cenário e silêncio, quando não motivo de desprezo pelo sotaque ou pela ruralidade.

Aquele arquétipo começou a ser demolido com a Constituição democrática de 1976, que criou um sistema de governo eletivo local com dois níveis (município e freguesia), dotados de assembleias e órgãos executivos, sem depender de nomeações do poder central. Pela sua ação, em menos

de 50 anos, foi recuperado um dramático atraso de salubridade e infraestruturização do país, com água canalizada, esgotos, arruamentos, iluminação, cuidados sociais, oferta cultural e desportiva, melhores escolas, apoio ao associativismo. Ao recusar ser apenas resto e paisagem, a periferia e o interior venceram a sua própria inércia, tornando-se mais habitável com investimentos pequenos, quando aplicados com critério. A Constituição de 1976 e os recursos financeiros, que com o tempo foram aumentando, operaram uma descentralização de serviços de proximidade, que continua a ser limitada pelo excessivo centralismo nacional.

Mesmo já não havendo corte, tudo ainda depende do centro. O poder descentraliza-se com intermitência e tende a multiplicar estruturas de gestão intermédia regionalizadas. Com a indispensável participação dos órgãos do poder central, é possível pensar uma descentralização política ativa e mais abrangente. Três exemplos:

1. A quebra demográfica e a contínua migração por razões económicas e laborais, agora principalmente em direção ao litoral, acentuaram o centralismo. Nas extensas regiões despovoadas, agora de inegável melhor qualidade de vida, devem ser desenvolvidas políticas públicas que estanquem a migração de jovens qualificados e estimulem o crescimento da população no interior.

2. Cresce desmesuradamente a extração de recursos do interior para conglomerados económico-financeiros, quase todos com sede fiscal na capital ou mesmo fora do país.

É necessário impor o reinvestimento local de lucros extraídos em setores como a produção de energia, a mineração, a agricultura e a silvicultura intensivas, as grandes ou médias superfícies comerciais. O interior não pode ser só paisagem com vias rápidas e implantes tecnológicos extrativos. É imperativo reinvestir localmente parte dos lucros gerados, fixando atividades de elevado valor acrescentado.

3. A capital concentra todas as grandes instituições políticas do Estado e os extensos serviços da sua órbita. É indispensável redistribuir a sede de instituições e órgãos do Estado e os correspondentes serviços por meia dúzia de cidades de média dimensão, criando oportunidades para população qualificada, melhores serviços e a descentralização do exercício do poder.

A descentralização não termina na prestação de serviços de atenção à cidadania. Fixar população qualificada, contrariar o extrativismo, transferir instituições e serviços do estado é a forma de dissolver o paradigma centralista da corte que por vezes vai à aldeia, continuando a ignorá-la. O país está preparado e não é preciso ter medo do futuro.

## Descentralização política ativa



Cresce desmesuradamente a extração de recursos do interior para conglomerados económico-financeiros, quase todos com sede fiscal na capital ou mesmo fora do país